

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow. There are large triangles pointing upwards and downwards, some in a bright yellow-green and others in a darker teal. There are also hexagonal shapes and other polygons in various shades of green, creating a layered, 3D effect. In the center of the cover is a white rectangular box with a double border: an inner thin black line and an outer thicker black line. Inside this box, the text 'Livros de Poemas' is written in a simple, black, sans-serif font.

Livros de Poemas

Poemas de Pe. José de Anchieta - Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado. Leia mais: <http://m.quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

Todo - Gregório de Matos Guerra

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Se é - Doce Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

ÁLVARES DE AZEVEDO - Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

Poemas de Machado de Assis - Livros e flores

Teus olhos são meus livros. Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia A página do amor? Flores me
são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em que
melhor se beba O bálsamo do amor?

Poemas Aloísio Azevedo - Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer
e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma,
em teus encantos E na tua palidez E nos teus
ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em
teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu
seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver
d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa
trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha
donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que
noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros
do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um
momento, Morrer contigo de amor! Álvares de
Azevedo

POEMA DE OLAVO BILAC - OUVIR ESTRELAS

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!"
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E
conversamos toda a noite, enquanto A via-láctea,
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu
deserto. Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que
conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem,
quando estão contigo?" E eu vos direi: "Amai para
entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz
de ouvir e de entender estrelas." (Poesias, Via-Láctea,
1888.)

A poesia de Cruz e Sousa - Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta. Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d'aço. . . E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.